

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Marina Polidoro Marques

Meu Arado, Feminino

Juiz de Fora

2020

Marina Polidoro Marques

Meu Arado, Feminino

Monografia apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do título de Grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Professora. Dr^a. Alessandra S. Melett Brum

Agradecimentos

Agradeço a meus pais, Alexandre e Valéria, por sempre terem dado total apoio nas minhas decisões, por terem me ensinando a enxergar o mundo com paciência e respeito. Assim como uma bússola, vocês indicaram sempre os caminhos certos para percorrer, eu não poderia ser mais grata. Sobre este documentário, obrigada por todo empenho e ajuda financeira, que viabilizou a realização desse projeto tão cheio de carinho e honra.

Um obrigada sem fim à minha tia Andrea por ter, não somente aberto a porta de casa pra mim e toda a equipe, mas também pela ajuda durante a pesquisa. Você formou muito do que este documentário apresenta. Obrigada então por ter aberto *todas* as portas.

Às queridas e aos queridos da equipe, guardo uma gratidão que transborda o peito. Obrigada por terem acreditado tanto quanto eu nesse trabalho e feito dele uma obra que traduz um pouco da sensibilidade de cada um. No fim, o filme é nosso.

Deixo especialmente aqui um obrigada vibrante para Stella, minha amiga querida. Acredito que tudo que é poético e sensível neste documentário, partiu muito de você também. Sua maneira carinhosa de encarar a vida me motivou a transformar o projeto em algo maior que apenas um trabalho de conclusão de curso.

À minha orientadora, Alessandra Brum. Te agradeço por ser paciente e me mostrar as direções certas nas horas certas, por ser assertiva e não me deixar flutuar pra longe com ideias que não caberiam neste trabalho. Também agradeço (e como não poderia) à UFJF, por todos esses anos ter sido um espaço de formação tão rico e diversificado.

Por fim agradeço eternamente, com amor e admiração, à todas as mulheres que cederam suas vozes e histórias para o Meu Arado, Feminino. Nelci e Margareth, Isabel, Helena e Laura, e todas as outras que estiveram presentes na gravação, mas não chegaram ao corte final, obrigada por terem ensinado uma nova e melhor maneira de agir com o mundo ao nosso redor e, principalmente, por terem apresentado visões femininas tão inspiradoras. Mulheres da terra, mulheres que semeiam a força, muito obrigada.

“(...) é que na terra que está a consciência do mundo, e é preciso
escutar seu ruído para agir em verdade.”

– Matilde Campilho

RESUMO

O documentário “Meu Arado, Feminino” busca por meio de quatro recortes apresentar as diversas faces do feminino na comunidade rural de Guaçuí, Espírito Santo, com histórias que abraçam diferenças raciais e sociais ao passo que evidencia o lado afetivo que as protagonistas tem com a terra que as cercam.

O presente trabalho visa, portanto, destrinchar as conceituações estilísticas visuais e narrativas que formaram o documentário, e relatar os processos de produção fílmica de antes, durante e depois à execução.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres, Campo, Rural, Documentário-conforto.

ABSTRACT

The documentary “Meu Arado, Feminino” aims to show in four arcs, to present the different faces of the womankind in the countryside of Guaçuí, Espírito Santo, with stories that embrace racial and social differences while highlighting the affective side that the protagonists have with the land that surrounds them.

This work aims to deepen the visual style and narrative concepts that were part of this documentary, and report on the film production process before, during and after its execution.

KEY-WORDS: Women, Ground, Countryside and comfort-documentary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO CRIATIVO	
2.1 – A pesquisa e sua concepção	10
2.2 – Referencias visuais e narrativas	13
2.3 – Criando um roteiro	18
2.4 – O olhar da documentarista	20
3. PRÉ-PRODUÇÃO	
3.1 – A localização de personagens	22
3.2 – Escolha da equipe	23
3.3 – Calendário de filmagem.....	24
3.4 – Orçamento	25
4. PRODUÇÃO	
4.1 – Diários de filmagem	26
5. PÓS-PRODUÇÃO	
5.1 – Concepção Sonora e Musical	28
5.3 – Montagem	30
6. CONCLUSÃO	32
7. APÊNDICES	
7.1 - Roteiro literário	33
7.2 – Roteiro técnico/decupagem do documentário	37
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	42
REFERENCIAS FILMICAS	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Family. Fris, 2019.....	14
Figura 2: Still “Meu Arado, Feminino” (2020)	14
Figura 3: “Le Rayon Vert” (1986)	15
Figura 4: Still “Meu Arado Feminino” (2020)	15
Figura 5: “49’58’” de “Memórias de Ontem” (1991)	16
Figura 6: Still “Meu Arado, Feminino” (2020)	16
Figura 7: Still (Animação 2D) “Meu Arado, Feminino” (2020)	17
Figura 8: Diário de produção “Meu Arado, Femino” (2020)	27
Figura 9: Diário de produção “Meu Arado, Femino” (2020).....	27
Figura 10: “Eu Posso Ver o Oceano” (1993),.....	31
Figura 11: Still “Meu Arado, Feminino” (2020),.....	32

1. INTRODUÇÃO

O soar da brisa do meio-dia nas copas das árvores canta diferente no campo. Tem uma sonoridade própria, é singular e só existe lá. Os raios de sol nessas mesmas copas fazem um *flare* bonito na câmera de filmar, e, na imagem, parece um sino brilhante que toca essa música do campo enquanto seus raios em tons terrosos regam as flores e folhas do terreiro daquelas que honram todos os dias a terra. Existe um tipo de coragem que só se cria lá, vem do coração e se expande pelo resto do corpo, até sair pelas mãos onde é transferida de novo para o solo. É um ciclo tão antigo quanto o tempo e fala diretamente sobre o elo entre mulheres e as raízes da terra, e é assim que enxergo as formas do *Meu Arado, Feminino*.

Talvez seja um desejo descendente ou talvez seja uma força de inspiração sendo carregada por nuvens pesadas como as nuvens de chuva, mas o que motivou foi saber que fazer cinema traria a possibilidade encantadora de registrar cada canto de cor vibrante de verde florido, cada chapéu de palha e botas manchadas de terra, poder captar o som específico daquele riacho ou o canto daquele passarinho atravessado pelo latido do cão. Mas foi principalmente de poder pegar em som e imagem mulheres de campo, suas vozes, suas cores. As palavras delas são poderosas para o cinema, principalmente para um documentário.

Em 2018 surgiu a oportunidade de criar uma história por meio da disciplina de Roteiro no curso de Cinema e Audiovisual, e, no mesmo, ano resolvi torna-lo meu trabalho de conclusão de curso, pois assim seria possível colocá-lo em prática. Ainda muito cru em conceituação, duas coisas já estavam claras para o andamento do projeto: a dinâmica entre mulheres e natureza. Pouco a pouco a ideia do projeto foi amadurecendo e ficando consistente e, depois de meses, já estava claro o que seria: um documentário sobre a presença feminina no meio rural e a extensa diversidade no que tange o modo de vida em duas especificações de realidade: classe e raça. Em quatro partes, com quatro protagonistas *Meu Arado, Feminino* divide sua narrativa entre figuras características do meio rural: A anciã, as assentadas do MST, as quilombolas e a produtora orgânica certificada.

Decidi configurar este documentário como um “Filme-conforto”, no caso, um “*Documentário-Conforto*”. Este é um termo popularmente usado por pessoas que elencam filmes, que não são necessariamente seus favoritos, mas que despertam em si algo que é reconfortante, geralmente são revisitados quando estamos tristes por algum motivo e precisamos de algo que traga boas sensações. Esses filmes atuam como um alento do peito, um abraço audiovisual. Dessa forma, decidi criar uma atmosfera de filme-conforto para este documentário, onde não apenas a narrativa se sustentaria sozinha, mas teria complementos visuais e sonoros que juntos ao restante formariam esse clima íntimo e aconchegante, ainda que o discurso continue pontual sobre enfrentamentos sociais e suas nuances feministas. O objetivo é, na realidade, condensar esses sentidos e torna-los uma unidade.

Talvez os acontecimentos digam o que a imagem não traz, talvez as imagens e cores e sons complementem as palavras que saem da boca delas, no fundo a conexão entre ambos vai depender de quão aberto estará o peito de quem receberá *Meu Arado, Feminino*.

2. DESENVOLVIMENTO CRIATIVO

2.1 - Para a concepção

“*Meu Arado, Feminino*” trata-se de um documentário guiado por subjetividades dos processos femininos no meio rural, busca uma conexão afetiva com o público em relação as mais diferentes realidades encontradas no campo, tal como as pluralidades femininas do mesmo local. É um filme que se mantém focado em reafirmar vozes que fogem do feminismo comumente encontrado em espaços homogêneos, sendo estes predominantemente brancos e urbanos; como solução para este fator, o documentário nasce de uma ideia diretamente relacionada a um discurso ativista que trouxesse consigo um diálogo mais heterogêneo, num sentido que: mulheres compartilham de enfrentamentos patriarcais impostos historicamente por um sistema repleto de dogmas machistas e estruturas capitalistas, mas ainda sendo lúcido para entender que mesmo com tais dificuldades elas ainda são indivíduos plurais que necessitam de distinções para cada grupo. Por isso, a proposta do documentário vai reafirmar as diferentes realidades de classe e cor no meio feminino do campo rural. Como afirma Bogado (2018), “Em vez de apagar a diferença entre as histórias de vida que ali se apresentam, a repetição por todas serve como fator de sensibilização com essas diferenças, como fator de aproximação e criação de laços”. (BOGADO, 2018, p.37)

Era importante que o trabalho realizado neste documentário cultivasse percepções que fossem diferentes para cada parte apresentada do trabalho, pois apenas assim o projeto cumpriria com a sua proposta sugerida: Uma história sobre mulheres camponesas que lançam narrativas interligadas por simetria local, mas que experimentam diferentes maneiras de interpretar a vida e seus desafios. É sobretudo uma história sobre a pluralidade, com pautas distintas acompanhadas da linha firme que amarra o feminino e o poder matriarcal em esferas familiares e de liderança.

Para que a história fosse contada, primeiro decidi que ela seria em Guaçuí, no sul do Espírito Santo. Apesar de morar em Juiz de Fora e cursar Cinema e Audiovisual na UFJF, seria mais certo se o documentário se passasse na terra de alguns dos meus familiares mais próximos e queridos, por dois motivos: a afetividade com o local e a rede de contato fácil por ter amigos e família já estabelecidos na cidade. Passei parte dos recessos escolares de inverno durante a infância em Guaçuí, no sítio da minha tia Andréa, conheci muitas pessoas diferentes e algumas que inclusive estrelariam, 15 anos depois, meu documentário de conclusão de curso.

Conhecia e tinha amor pela zona rural de Guaçuí, por isso, a cidade voltou para meus pensamentos durante a escolha do tema deste TCC pois qual outro lugar me traria tanta intimidade e conforto além de lá? Poderia ter pesquisado e escolhido localidades campesinas em Juiz de Fora ou em regiões próximas, mas nenhuma me traria a sensação de segurança para criar o filme como em Guaçuí. Todavia, a memória afetiva não bastava para sustentar totalmente a minha escolha, o segundo e decisivo motivo foi que em Guaçuí eu teria mais acesso a comunicação com as possíveis protagonistas do documentário pelo fato de ter parentes que são membros ativos da comunidade campesina da cidade, são amigos e vizinhos de todas com quem eu tinha desejo de conversar e podiam me passar diversos contatos.

Inicialmente, a ideia do documentário era expor a diferença que existe na divisão sexual do trabalho, dando enfoque às divergências sociais no contexto de gênero, depois passou a ser sobre a criação de uma rede de apoio interligada. Essas questões foram substituídas por pontos mais apropriados a realidade das personagens, isso se deu principalmente após as primeiras visitas. Ao conhecer pessoalmente cada entrevistada, ficou claro que problemas de distinções sociais relacionadas ao gênero não cabiam em seu cotidiano, e muito menos no filme, visto que a realidade no campo é categoricamente diferente do meio urbano por diversos motivos, mas, principalmente pela poética de ser ver a vida e de trata-la (e não enfrenta-la.) No fim, é como se capta a forma de contar a história dessas pessoas e não somente como eu gostaria que fosse.

É preciso que se tenha um ponto de vista para se encontrar um sentido para a realidade, ou seja, é preciso ter uma opinião, uma apreciação, um juízo sobre um tema para poder descobrir quais são as palavras, os enquadramentos, a luz adequada para filmar ou gravar essa realidade. O chamado ponto de vista contribui para anular o caos. (GUZMAN, 2017, p 21)

Meu ponto de vista, minha escrita, minhas outras paixões sempre foram, de alguma forma, ativistas. Talvez não tão literalmente como tantas e tantos outros são e exercem em seu dia a dia, mas nunca deixei de tomar um lado e defende-lo. Logo, entendo como um lugar comum filmarmos aquilo que amamos dentro do cinema, e eu amo o pensamento crítico feminista, me encanta, me irrita, faz com que eu me aborreça e pense diferente constantemente. É sempre um desafio e uma construção intelectual nova, por isso reconheço ser potencialmente perigoso não manter uma distância adequada ao tema em relação a meu ardor por ele, mas existe uma linha tênue que separa esse amor que subjuga meu olhar profissional, sendo justamente o respeito e admiração ao tema em questão. Admiro a poética *do ser* nesse sentido, como sempre me pautei através do entendimento feminino abrangente e não-discriminatório, de como existe riqueza através da ótica histórica feminina e este é o ponto de vista do qual documentário se trata. É deste lado que ele pertence.

No campo, pude notar que distinções de gênero, ainda que presentes e problemáticas, assumem uma postura diferente da que conhecemos no meio mais urbano. Há uma parceria que visa o rendimento da produção, e por isso, mulheres e homens trabalham em conjunto pelo bem da terra e pelo crescimento contínuo da qualidade de seus produtos, uma vez que, sendo pequenos e médios produtores, a união torna-se objetivo decisivo (Comportamento que deveria existir em todas as esferas de trabalho e gênero) Nesse sentido, nota-se pouco as distinções de gênero e sem disputas de ego, porém em assuntos domésticos, tais amarras sociais ainda permaneçam muito ditadas sendo a mulher ainda a responsável pela organização, alimentação e criação dos filhos, enquanto o homem provém a segurança da família e o sustento financeiro (mesmo que muitas já consigam fazer o mesmo, ou no mínimo, dividir).

Com isso, a proposta passou a ser como elas se sentiam com seus próprios desafios e ambições. A narrativa não seria mais sobre apenas o gênero, mas também a diferenças de classe e raça entre as próprias camponesas, decidi deixar variações e tons para cada uma delas. Ainda que em um ambiente diferente, nada muda quando o assunto é perceber as diferenças entre as oportunidades e realidades entre mulheres brancas e negras, mulheres pobres e as economicamente mais privilegiadas e para além do sexismo que todas sofrem em comum, suas

batalhas tornam-se distintas, mesmo que dentro do escopo feminista. Em seu livro “O Feminismo é para todo mundo” bell hooks¹ (2000) apresenta uma visão que dialoga bem com a visão feminista encontrada nas falas das protagonistas deste documentário.

O sonho era substituir aquela cultura de dominação por um mundo de economia participativa fundamentada em comunalismo e democracia social, um mundo sem discriminação baseada em raça ou gênero, um mundo onde o reconhecimento da mutualidade e da interdependência seria *ethos* dominante, (...) como todo mundo nele pode ter acesso à paz e ao bem-estar (hooks, 2000, p.157)

Em decorrência dessa mudança, o filme passou a ter outro direcionamento estético. A princípio, as imagens seriam mais centralizadas e neutras para dar total atenção a fala delas e, por consequência, ao discurso delimitado de empoderamento proposto ao filme. Depois de conhecer o estilo de vida de cada uma das entrevistadas, individual ou coletivamente, a estética do *Meu Arado, Feminino* passou a explorar mais as cores, o dinamismo de câmera e planos sequência, ou seja, agora o valor da câmera passava a ser guiado pelas próprias mulheres durante a filmagem, os planos sequências ganharam um sentido narrativo cuja intenção seria dar a elas o poder para escolher quais lugares elas gostariam de mostrar e não mais o ponto de vista do meu olhar impositivo (que de certa forma dominava a história) sobre o que é ser do campo.

Outras escolhas visuais e estilísticas interessantes para o documentário foram reservadas para a montagem, com arte de edição e algumas animações sobre imagens e também de letterings criativos para situar localidades e identidades. Essas questões serão mais aprofundadas no capítulo de pós-produção.

Uma vez conquistada a amizade e intimidade das entrevistadas, a importância da presença da equipe seria mais bem recebida e cultivada entre elas e seus grupos, facilitando a nova proposta de filme. Seriam elas a ditarem o sentido da história, e, com uma fotografia mais íntima, as entrevistadas se sentiriam mais à vontade para apresentar seus universos e, consequentemente, os espectadores se sentiriam mais próximos delas. Durante o processo que passei para amadurecer *Meu Arado, Feminino*, houve uma escolha que não se alterou: a vontade de tornar este documentário uma carta de amor e, sobretudo e respeito a todo trabalho e significado que mulheres camponesas carregam consigo.

De maneira alguma o documentário deixaria de abordar suas questões sociais e políticas, até porque ele nasceu disso, mas, com toda sua importância engajada, o *Meu Arado, Feminino* deveria ser “confortável” aos olhos do público também, como algo que encanta e desperta boas sensações. Desde sua filmagem, até a montagem, o documentário teria o objetivo de criar para quem assiste uma experiência boa e satisfatória além de pincelar pequenas batalhas de cada personagem apresentada. Ainda que com realidades diferentes e prioridades também diferentes o que uniu seus discursos pautava-se na vontade de mostrar ao mundo seus valores. Assume-se um caráter feminista, de reivindicação do que lhes pertence.

¹ A autora Gloria Jean Watkins assume o pseudônimo bell hooks em letras minúsculas para que o foco de seu trabalho seja sua escrita e não sua pessoa

A noção de feminismo delas converge, em alguns aspectos, com os demais feminismos. Elas são cientes da discrepância social quando o assunto é valorização do trabalho feminino versus valorização do trabalho masculino, por exemplo. Dominam do contexto histórico-social do não pertencimento da mulher em qualquer lugar já ocupado por homens, ou seja, sabem bem como é o machismo estrutural. Existem diferentes mulheres no meio rural: é possível encontrar quilombolas, assentadas do MST, criadoras orgânicas, donas de grandes propriedades e assim em diante, por isso é preciso ressaltar que há outras demandas sociais para cada outro grupo social de mulheres, tais como direito de cultivar em terras não produtivas, como é o caso de Nelci e Margareth, as assentadas do MST, ou do direito conquistar espaço no mercado, com seus produtos orgânicos, elucidando o exemplo de uma das personagens do filme, Isabel. *Meu Arado, Feminino* distribui sua conceituação na essência dos femininos, do que é íntimo e caseiro, do que é amigável e prestativo. Do que é ser uma camponesa e do que é ter coragem e voz em realidades tão marcadas e ainda assim tão próximas.

2.2 Referencias visuais e narrativas

Durante o processo de criação muitas concepções estéticas florescem, mas poucas vingam para chegar ao produto final, especialmente quando tratamos de documentários. Assim como um mapa mental, traçamos meios que possam possibilitar a execução dessas ideias, ainda que saibamos que na prática outras escolhas serão feitas em decorrência do tempo e da locação e, no meu caso, uma locação cedida pelas convidadas. Sabia de duas coisas que não poderiam faltar neste documentário: a presença da natureza, com cenários abertos e vistosos e uma iluminação natural, sem uso de equipamentos de luz.

Apesar de desde a infância conhecer a zona rural de Guaçuí, ainda havia alguns lugares dos quais eu não tinha tido a oportunidade de visitar, e, com a demanda do tempo sendo escassa, nem eu e nem muito menos minha equipe, tivemos a oportunidade de conhecê-las previamente. Aponto aqui uma autocrítica sobre meu entendimento de direção, pois analisando agora percebo que esse problema gerou alguns atrasos para a equipe de fotografia. Entretanto, as surpresas em questão, do ponto de vista estético, sempre foram bonitas e dificilmente alguma locação não agradava aos olhos.

Idealmente, a estética do documentário se alinharia a proposta narrativa: criar uma unidade entre as mulheres. Contudo, assim como a concepção narrativa se alterou, o plano visual também mudou. De fato, a natureza se fez presente em todas as locações (mesmo que menor em algumas), mas a maneira como cada uma das mulheres viviam refletia muito no cenário final. O filme passeia entre estufas de flores e jardins florestados, plantações orgânicas, assentamentos abertos, terrenos secos de cores quentes e casas antigas. Podem ser segmentos especialmente diferentes uns dos outros as vezes, porém a visualidade se mantém pelo fio da iluminação natural, dos toques de natureza verde e dos tons terrosos presentes em quase todos os momentos do filme.

Buscando por referências visuais, tentei não me ater somente em pinturas clássicas e tão menos fotografias de documentários consagrados, obviamente que sua relevância é presente na

obra e nesta conceituação teórica, porém existia uma vontade de colocar tudo aquilo que me lembrasse a ideia que tive no momento em que escrevia o roteiro e muitas vezes encontrava mais da visualidade que pretendia em animações, artes digitais e alguns filmes de ficção. Por isso, optei também por uma pesquisa de artistas jovens e filmes de ficção e com essa liberdade encontrei peças importantes para a estética do documentário.



Figura 1. Family por Roeqiya Fris, (2019) fonte: @roeqi no Instagram



Figura 2. Still de “Meu Arado, Feminino” (2020)

A artista egípcia Roeqiya Fris tem uma vasta criação baseada em pinturas que retratam as raízes de sua origem, além de usar constantemente figuras femininas para representar tudo isso. Pelo quilombo Córrego do Sossego ser a localidade com maior

quantidade de mulheres no filme, achei pertinente adaptar a obra “Family”, que abarca bem a coletividade de mulheres, no quadro acima.



Figura 4. Le Rayon Vert (1986, dir. Éric Rohmer) fonte: cópia pessoal.



Figura 5. Still de “Meu Arado, Feminino” (2020)



Figura 6: “Memórias de Ontem” (1991/ Studio Ghibli) fonte: Netflix



Figura 7: Still “Meu Arado, Feminino” (2020)

Entre referências visuais notei que o documentário iria precisar de uma unidade de ligação entre uma entrevista e outra e essa ligação não poderia se dar apenas por cortes na montagem, ou *fade outs*. Com esse pensamento, busquei por referências ainda mais coloridas e encontrei isso nas animações. Como transições de partes, as animações surgiriam na forma de um mapa fictício da geografia da zona rural de Guaçuí, através de setas indicadoras, o mapa mostraria para qual lugar iríamos depois do fim de cada sequência, abrindo assim um novo arco para narrativa da história. Convidei a ilustradora e diretora de arte, Monique Oliveira para fazer as animações, com traço mais delicados, semelhante à de um desenho de giz de cera e com uma paleta de cores terrosas. O mapa do filme constitui uma parte importante da esfera estética do filme.



Figura 8. Esboço da ilustração para animação 2D do “Meu Arado, Feminino”, artista: Monique Oliveira

Passando para o sentido narrativo e as inspirações implicadas, penso muito na maneira de contar histórias de Eduardo Coutinho. É assimétrica e íntima, concede a quem é filmado a chance de falar sobre sua vida sem julgamentos da parte de quem filma, seja ela a realidade ou não. A influência da câmera confere poder grandioso, mas também é intimidadora e por este motivo é importante salientar a ideia de quem está no comando da fala, no caso, o convidado. Quis aplicar esse método no filme, não somente por achar interessante, ou por ser uma conduta adotada por um cineasta como Coutinho, mas principalmente por ser o que julgo o mais correto e respeitoso.

É claro que é preciso rejeitar a ilusão de que essa troca seja absolutamente simétrica. Esse diálogo é assimétrico por princípio, não só porque você trabalha com classes populares sem pertencer a elas, mas simplesmente porque você tem uma câmera na mão, um instrumento de poder. (COUTINHO, 1997, p. 166)

De certa forma, a narrativa de um documentário precisa ser condizente com suas personas, por isso uma prioridade latente durante as gravações do *Meu Arado, Feminino* era a do diálogo. Simples e objetivo, precisava ser horizontal e razoavelmente confortável também, visto que seria mais interessante a descontração na frente da câmera, dessa forma suas falas seriam mais cativantes e orgânicas, sendo possível até mesmo a criação de uma personagem para a entrevista. O que vale mais na hora da fala certamente é a emoção do depoimento, e essa emoção só vem se aquela que fala não se sente podada ou intimidada e não somente pela equipe, mas também pelas possíveis respostas que a documentarista deseja ouvir. Seria imprudente

pressionar uma resposta ou depoimento apenas para que se ajuste aos caprichos ideológicos de quem filma, no caso, meus caprichos, por isso se fez necessário entender antes de tudo qual vivência social estaria sendo captada pelas lentes da câmera.

2.3 Criando um roteiro

Para compor a escrita deste roteiro dois fatores foram necessários para criar uma linha narrativa coesa: Primeiro, o entendimento de que o tempo e o espaço (principalmente o espaço) não estariam totalmente dominados. Seria necessário compreender as adversidades de se filmar com um tipo de roteiro-livre, visto que não há como prever tudo como em um set. Segundo, atrelado ao primeiro fator, está a designação do sentido do discurso, ou seja, criar um argumento que sustente sem muitos detalhes o corpo do documentário, sendo possível captar a essência daquele roteiro e do seu sentido narrativo. Sergio J. Puccini Soares (2007) aponta para o que chama de um instante do presente, que se liga a subjetividade do real, trazendo implicações do espaço temporal e físico de um documentário:

Outro aspecto característico do documentário no que diz respeito ao tratamento do tempo vem a ser o caráter de descontinuidade presente em muito dos filmes deste gênero. Essa descontinuidade está ligada à liberdade do tratamento do tempo que ocorre em uma exposição retórica que tanto pode ser a de uma voz over como a dos depoimentos (SOARES, 2007, p. 109)

Em *Meu Arado, Feminino* o tempo decorre de um momento do presente de sua filmagem, nasce a partir das vozes daquele tempo em que as personagens sociais se dispuseram a dar seus depoimentos sobre as vivências, que no caso, correspondiam a suas trajetórias e também ao presente da hora. A subjetividade do momento é apresentada de uma maneira individual-coletiva, que se justifica em cenários micro e macro, onde o macro coletivo destaca a questão de gênero e vivência do campo e no micro as histórias pessoais que cercam e dão a característica singular ao documentário. Notavelmente, a unidade narrativa pretendida durante o filme é a de apresentar a grande personagem da mulher camponesa e sua diversidade. Dentro da imagem mitificada do modelo feminino no campo, estão lá diversas mulheres atuando em plantações e terrenos diferentes com objetivos diferentes, muito embora sua relação com o cuidado e respeito com a terra sejam extremamente semelhantes.

A escrita é sempre um território de destruição e construção, para roteiros de documentários isso se eleva. O processo de filmagem foi, sem dúvidas, importante para clarear a mente e entender melhor o roteiro do filme, porém, a análise do material bruto foi infinitamente mais efetiva para compreender quais caminhos tomar com a narrativa original. Nesse ponto a escrita deixa de ser apenas uma improvisação e torna-se mais uma peça sólida e autoral. É de comum acordo que cada documentarista tem o seu próprio método para criar, e, no fim, o roteiro é uma base que sustenta toda a criação do documentário. Após sua finalização independentemente de como se pensou e quanto tempo foi gasto elaborando um dispositivo marcante para a narrativa, o documentarista se livra do peso da construção e passa a ser um observador de seu próprio trabalho através dos olhos de uma plateia, os espectadores.

Para sustentar o roteiro no documentário, a sensibilidade poética também tem um papel fundamental na escrita, das etapas que constroem a escrita talvez seja a decisiva para estabelecer um universo repleto de riquezas no que tange o abstrato, é artístico e retórico. Em muitos momentos *Meu Arado, Feminino* não é objetivo sobre a abordagem social levantada, precisa ter discernimento visual para compreender o discurso, obviamente existem falas que elucidam bem o tema, entretanto é muito mais sobre quem são e no que acreditam e amam que as mulheres camponesas de Guaçuí que o filme revolve.

A questão da escrita do roteiro do documentário causou-me dificuldades enquanto pensava no argumento do filme e em sua execução, a fluidez para transcrever todos esses pensamentos para um roteiro fora dificultoso, visto que era a primeira vez que me propunha a tal atividade e, diferente do roteiro de ficção, o de documentário exigia uma objetividade e clareza que eu, enquanto diretora, não estava acostumada. Sem dúvida, a parte mais complicada do processo como um todo fora a concepção do roteiro. Decidi então criar primeiro um resumo literário de tudo que poderia conter no documentário, as pretensões feministas, o debate sobre o recorte de classe e raça e a reflexão da importância do elo humano com a natureza em um cenário interiorano.

Acertado a escrita do resumo literário e a partir da pesquisa de pré-produção na qual pude estudar sobre o perfil de cada personagem social que participaria do filme, tracei cenários possíveis para ter um guia linear durante a filmagem, esse guia estaria alinhado com o resumo literário atuando juntos como complementares de um roteiro oficial que seria construído após as filmagens. Apesar de ter consciência de que não era maneira mais adequada para se criar um roteiro final, só assim consegui criar um embasamento consistente para usar durante a

montagem e posteriormente usar como base para a decupagem técnica. O conjunto de sons e imagens que surgem durante a formação de uma “cena” podem ser incorporados a escrita do roteiro posteriormente, dentro de um modelo fechado onde a poética do discurso se faz valer.

A princípio, o discurso do filme documentário, mesmo que apoiado em um discurso narrativo, tende a uma maior dispersão em relação ao discurso do filme de ficção. Essa dispersão está relacionada ao fato de que o repertório de imagens e sons não precisa, no momento de sua organização, se ater a critérios de continuidade espaço-temporal já que normalmente estão mais submetidos a uma exposição retórica, seja ela expressa de maneira verbal, através de uma locução ou textual, através de intertítulos. (SOARES, 2007, p.66)

A noção de cena é pouco utilizada em roteiros de documentários no qual as falas da entrevista não são premeditadas, são sequências que fluem naturalmente no momento em que a câmera é ligada não tem como por isso no roteiro antecipadamente. Este é o caso do *Meu Arado, Feminino* onde as cenas são espontâneas, e não cabem em um roteiro feito durante a pós produção e, por isso, fica comprovado que a utilização do resumo literário narrativo é mais eficaz para se guiar durante o período de gravação. Assim, quando finalizado, é possível volver a escrita e a junção de ambos, roteiro final (com cenas e sequências, analisadas a partir do material bruto) e resumo literário. Consequentemente, todas as etapas de um documentário vão depender de um roteiro bem estruturado (ou no mínimo uma ideia), o que não necessariamente vai ser escrito durante a pré-produção, mas sim concebido para que, futuramente, durante o processo fílmico, nasça um elemento rico e essencialmente discursivo para compor o roteiro final e oficial do documentário. Normalmente, a escrita documental passa por subjetividades tal como a filmagem documental passa e acredito que este traço seja característico do gênero, cujo fator essencial é o convencimento do discurso através da imagem.

2.4 O olhar da documentarista

A criação de um documentário envolve muitas etapas, são revisões exaustivas de material bruto, diárias inesperadas, depoimentos surpreendentes e, por vezes, uma montagem extensa. A subjetividade do documentarista se faz presente em cada um desses detalhes e torna-se uma fagulha indispensável para dar vida e personalidade ao filme em questão. Como muitos documentaristas que estão começando, busquei minha própria poética (que aqui se aplica ao sentido cinematográfico) e cai em um híbrido de senso comum criativo do documentário e a

invenção singular da ideia da artista, onde minhas pretensões tomam forma e se apresentam ao espectador da maneira que acreditei ser mais relevante.

Cada cineasta possui sua própria inspiração, são artistas que inspiram seu trabalho e os motivam a criar mais. Minhas inspirações tem fontes diversas, entretanto, para este filme quis cultivar dois modelos importantes para o meu crescimento enquanto criadora: o modo peculiar e curiosamente leve de Agnès Varda, com um olhar de documentarista sempre faminto e apaixonante, e a assertividade profunda e sensível do Eduardo Coutinho, cujo olhar documentarista se ostentou através da política social e respeito a palavra do outro. À vista disso, criei uma expressão artística que sucumbia de referências alinhadas à minha noção de moralidade e personalidade criativa, que perpassava embasamentos teórico-práticos com fluidez argumentativa pessoal para a criação de um documentário lírico em discurso com atravessamentos de elementos visuais e sonoros particulares e também, por que não, apaixonantes.

Como intenção, penso no filme como um “*documentário-conforto*”, onde as relações fílmicas dialogam com o real a formar um elo de carinho entre aquelas que se mostram na tela e aqueles que as assistem. Existe esse desejo meu de transpor o encantamento que elas passam para cada parte do filme, em suas imagens filmadas, nas animações 2D, na trilha sonora, tudo no filme feito para traduzir um pouco da riqueza que as protagonistas desse documentário ofereceram. Resumidamente, “(...) é preciso pensar que o diálogo entre o gênero e o artista é frutífero por favorecer a apreensão pelo espectador do filme em relação a um sistema de expectativas capaz de promover prazer estético no reconhecimento do familiar, daquilo que é convencional em um gênero.” (LEVIN, 2009, p. 68)

Portanto, essencialmente, a proposta do *Meu Arado, Feminino* é compor um documentário capaz de dialogar com aspectos sociais e marginalizados, mas também com particularidades sutis sobre vivências. É quase paliativo e me refiro ao filme como “documentário-conforto” porquê ao planejar o sentido da obra, as noções que viam em mente recorrentemente eram noções de um documentário que valorizasse a simplicidade cultural do meio campesino e toda sua beleza, além do lume que envolve o feminino e sua ligação histórica e mística com a natureza. No fim, o objetivo é encantar e engajar o espectador.

3. PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção para este documentário passou por 3 etapas, a pesquisa de campo e contato com as personagens sociais, a escolha da equipe e o preparo de calendário e orçamento para as viagens e gravações. Essas foram as questões práticas de ação para a pré-produção, o quarto elemento, já citado no capítulo anterior, fora o roteiro inicial.

3.1 A localização de personagens

Para caráter de relevância, a criação de personagens consiste num momento crucial para a formação de uma ideia argumentativa e, mais posteriormente, de narrativa. São essas figuras que darão esclarecimento e direcionamento concreto para o assunto, são rostos que de alguma maneira serão incorporados ao meio imaginário de quem assistir depois. A pesquisa de pré-produção ajuda a entender o conjunto de impressões e imagens que futuramente serão aplicados na filmagem e na montagem, e por isso, a pesquisa mais relevante é quem o filme vai apresentar, ouvir e acompanhar.

Após eu desenvolver o dispositivo e a sinopse do *Meu Arado, Feminino*; se iniciou a procura por elementos concretos, que neste caso são as figuras das mulheres que representam o recorte feito durante a elaboração do argumento: Camponesas, de variadas idades e com realidades sociais e econômicas distintas. Embora eu conhecesse Guaçuí, e até algumas das personagens que aparecem no filme (como Dona Laura), ainda não era o suficiente para achar as demais. É importante ressaltar que como atuei na função de produção também, quem fez as pesquisas fui eu, porém contei a ajuda da minha tia Andréa (residente da zona rural de Guaçuí) e da secretária de Agricultura da cidade Marta Carvalho, graças a essa ajuda consegui contatos com muitas mulheres do campo. A partir desse ponto, realizei em média 12 ligações entre várias possíveis aspirantes a personagens do documentário e cheguei a um total de seis personagens sociais (entre indivíduos e grupos) que aceitaram ser entrevistadas e que batiam com os perfis necessários para o filme. Dessas seis, apenas quatro (que incluem indivíduo, dupla ou grupos) prevaleceram no corte final: Dona Laura, idosa, primeira produtora rural mulher da cidade, Isabel, produtora orgânica, Nelci, líder do grupo feminino Florestan Fernandes do Movimento Sem Terra de Guaçuí e Helena do Sossego, uma das líderes do Quilombo Córrego do Sossego.

Outro ponto ainda essencial ao filme eram as localizações. É sempre recomendado viajar durante o período de pesquisa, para conhecer o cenário, estudar a luz e as paisagens, entender qual clima aquele lugar passa e como serão aplicadas as questões técnicas, como quais câmeras

usar e como usa-las, estudar o som e saber o que pode ser um problema e o que pode ser solucionado previamente, entretanto, por questões financeiras, seria custoso demais fazer as viagens de reconhecimento e isso certamente gerou alguns problemas no momento da filmagem, mas durante as ligações e mensagens que troquei durante três meses com cada uma das entrevistadas, consegui ter uma noção de qual seria as disposições do terreno. Pedi fotos para as que tinham celulares com câmeras e pedi descrições de ambiência como sons naturais e descobri por exemplo que muito próximo do assentamento do MST, havia uma enorme queda de água de uma represa. Por causa disso, o som daquela locação foi pensado com antecedência para não ser prejudicado.

O contato com as personagens sociais foi uma experiência totalmente relevante, não somente para a criação da imagem de um rosto para o meu dispositivo narrativo, como também para auxiliar na pré-produção do documentário, aumentando em qualidade a parte da pesquisa e o entrosamento entre eu e elas, que vale observar, foi feito de maneira em que elas não conversassem sobre o assunto do filme durante as ligações e trocas de mensagens, nesse período nossas conversas eram sobre trivialidades, pesquisa de perfil e pesquisa de locação.

3.2 Escolha da equipe

Se tratando de um documentário universitário, de baixo orçamento, optei por compor minha equipe com estudantes do curso de Cinema e Audiovisual do IAD, alguns deles colegas de classe e amigos queridos com quem já tinha tido a oportunidade de trabalhar anteriormente em atividades de outras disciplinas da graduação. Nessa etapa pude conhecer melhor o estilo e competência de trabalho de cada. Também foi uma oportunidade chamar outros estudantes e profissionais que ao longo da execução me surpreenderam positivamente. Abaixo segue a lista da ficha técnica de filme.

Meu Arado, Feminino – FICHA TÉCNICA

FUNÇÃO	NOME
Roteiro, Direção e Produção	Marina Polidoro
Montagem	Ana Paula Romero e Marina Polidoro
Direção de Fotografia	Caroline Netto e Ciro Cavalcanti
Direção de Som	Stella Maria Flor

Som Direto	Stella Maria Flor e Bernardo Wilberg
Assistente de Produção	Janaína Condé
Assistente de Fotografia	Helena Frade
Animação 2D/lettering	Monique Oliveira
Colorista	Caio Deziderio
Trilha Sonora e Musical Original	Stella Maria Flor, Renato da Lapa, Alvaro Borges e Ana Paula Tostes
Produção Musical	Pedro Baptista/MEXIRICA RECS
Divulgação (Poster)	Ana Rita Amaral e Matheus Dutra

3.3 Calendário

Por questões de disponibilidade de tempo de trabalho dos membros da equipe, foi decidido que o documentário passaria por duas partes de gravação, uma filmada em janeiro de 2019 durante o período de férias acadêmicas e a segunda parte filmada em julho de 2019, durante o recesso de inverno, visto que a equipe era composta por estudantes universitários.

PARTE 1 – JANEIRO DE 2019

Dia	Diária
23/01	MANHÃ: Captura de imagens de cobertura e sons ambiente do sítio onde nos hospedamos. TARDE: Sítio da Dona Laura. Entrevista + Filmagens livres e fotografias para Still
24/01	MANHÃ E TARDE: Visita ao Assentamento São Miguel. Entrevistas+ Filmagens livres e fotografia para Still
25/01	TARDE: Feira-livre de Guaçuí. Captura de imagens de cobertura e pesquisa com vendedores sobre figuras femininas extras (caso achássemos interessante uma abordagem relâmpago)

PARTE 2 – JULHO DE 2019

Dia	Diária
24/07	MANHÃ: Quilombo Córrego do Sossego. Entrevistas individual e coletivas + Filmagens livres e fotografias para Still TARDE: Sindicato Rural de Guaçuí. Entrevista com Marta Carvalho
25/07	MANHÃ: Comunidade MST – Fazenda Florestan. Entrevista + Filmagem livre
26/07	TARDE: Sítio orgânico Morambel. Entrevista com Isabel + Filmagem livre com ela na plantação
27/07	TARDE: Gravação roda de conversa (Dona Laura, Marta Carvalho e Eunice) no sítio de hospedagem.

3.4 – Orçamento

O orçamento para a realização do documentário (suas duas partes) foi de 2.000 reais. Porém, foram gastos em média 1.600 reais e isso aconteceu principalmente por ter hospedagem gratuita para todos (Sítio de parentes), por isso os gastos se limitaram em: 1) Transporte, dividido em passagens de ônibus Juiz de Fora x Bom Jesus do Norte (ida e volta em janeiro e somente volta em julho) e gasolina para Bom Jesus do Norte x Guaçuí e para locomoção dentro da zona rural da cidade. 2) Alimentação da equipe

Estes foram os dois gastos principais do filme, os equipamentos não constam nos dados de orçamento pois foram emprestados pelo Estúdio Almeida Fleming do IAD e por colegas de equipe que levaram seu próprio material. Ainda sobre a equipe, todas e todos envolvidos participaram do documentário por colaboração e por isso também não constam nos dados de orçamento.

Em relação a pós-produção, especialmente a gravação da trilha sonora, os gastos foram quase nulos pois a locação com a gravadora Mixirica Recs foi acordada também por colaboração entre a produção e o dono do estúdio, Pedro Baptista, nosso produtor musical. A alimentação nessa etapa contou com o apoio de dois estabelecimentos: UAI Tofu e Quintal Vegan, isso proporcionou um grande respiro no orçamento, onde o gasto principal ficou com o transporte de Uber dos membros da equipe da trilha e dos materiais de higienização para prevenção do Covid-19.

Etapa	Serviço	Item	Quantidade	Valor	Sub-Total	TOTAL
Produção	Transporte	Passagem de ônibus	7	R\$ 80	R\$ 560	
Produção	Transporte	Gasolina para carro	3 a 4 tanques cheios	R\$ 220 (em média)	R\$ 500	
Produção	Alimentação	Variados	Para 6 pessoas	-	R\$ 400	
Pós-Produção	Transporte	Viagens de Uber (ida e volta)	Para 5 pessoas	Alvaro: R\$ 12,00 Stella e Marina: R\$ 24,00 Pedro: - Renato: -	R\$ 36	
Pós-Produção	Transporte	Gasolina para Ana Paula (percussão e segunda voz)	Quilometragem referente a Barbacena x Juiz de Fora	-	R\$ 90	
Pós-Produção	Material de higienização (Covid-19)	Álcool em gel, álcool líquido 70% e paninhos.	1 álcool líquido 70% de 500 ml, 1 álcool em gel 70% de 500 ml e um pacote de panos pandex	-	R\$ 12	
						R\$ 1.598

4. PRODUÇÃO

Diferente de uma ficção, um documentário possui especificidades em relação ao período ativo de produção/gravações. Por mais que haja um cronograma ou uma espécie de ordem do dia adaptada é importante aceitar que imprevistos são passíveis de ocorrer, e, é neste sentido, ao meu ver, que está o fator de encantamento de um documentário. Pois quando minimamente bem pensando, “problemas” assim se tornam novas oportunidades de se contar história.

Todas as gravações foram realizadas no miolo da zona rural de Guaçuí, utilizamos um carro para transporte da equipe e seus equipamentos, levei comigo um caderno de anotações com algumas perguntas de abordagem chaves para conduzir os depoimentos e transforma-los em sequências que fossem as mais naturais possíveis. O caderno possibilitou que eu pudesse anotar percepções minhas sobre a relação entre mim e os membros da equipe e também noções acerca das personagens, com um antes e depois de seus comportamentos após a câmera ser ligada. Era curioso como elas assumiam gradativamente um jeito próprio de se portar à medida que o tempo de filmagem passava. Para além, notei que uma saída boa para espantar a timidez e impulsionar elas a falarem mais sobre o assunto sugerido era realizar uma entrevista formal

de apresentação nos moldes clássicos para familiariza-las com o olhar da lente e também para estimular o diálogo. Assim após uma média de 20 a 30 minutos de depoimentos formais, eu sugeria que elas andassem por suas casas e terrenos para mostrar o que mais gostavam, isso provocou uma expansão muito maior e mais satisfatória de depoimentos. A fala saía mais fácil enquanto elas nos mostravam um pé de alface orgânico ou algumas fotos antigas de família.

Enquanto as dificuldades e soluções com as personagens se resolviam em momentos do presente, os impasses com a equipe precisaram ser conversados antecipadamente para que atrasos não ocorressem na hora de filmar (Principalmente pelo fato da fotografia do documentário se pautar em apenas luz natural). A primeira parte, que foi realizada em janeiro de 2019, o tempo era maior porque as diárias eram menores, dando possibilidade de “errarmos” mais e isso permitiu que eu, enquanto diretora, entendesse melhor a dinâmica de encenação das personagens como já citado no último parágrafo. A troca de equipe durante a segunda parte (Em julho de 2019) trouxe novos desafios de comunicação, mas nada extraordinário ao ponto de prejudicar o andamento do filme.

De modo geral o período de produção serviu para compreender as dinâmicas externas e internas de se fazer documentário e clareou meus pensamentos em relação a posição de realizadora/diretora em que me exigiu um senso de liderança assertivo. Isso foi decisivo para controlar a forma como eu expressava meus desejos para a equipe. A comunicação clara e horizontal fez toda a diferença para um bom trabalho e uma boa convivência durante as diárias.

Abaixo um exemplo do diário de filmagem referente ao dia da Dona Laura:

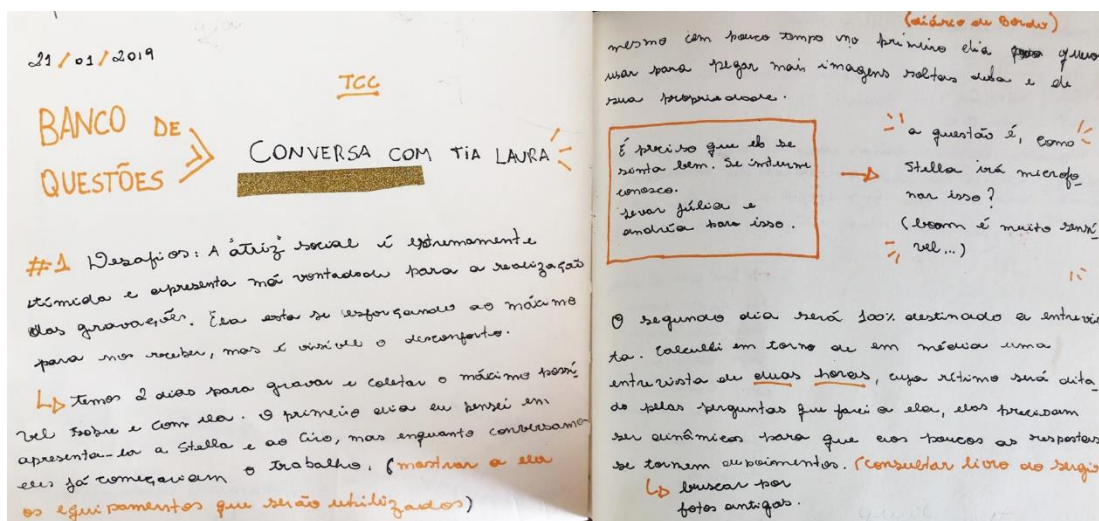


Figura 8: Diário de produção “Meu Arado, Femino” (2020)

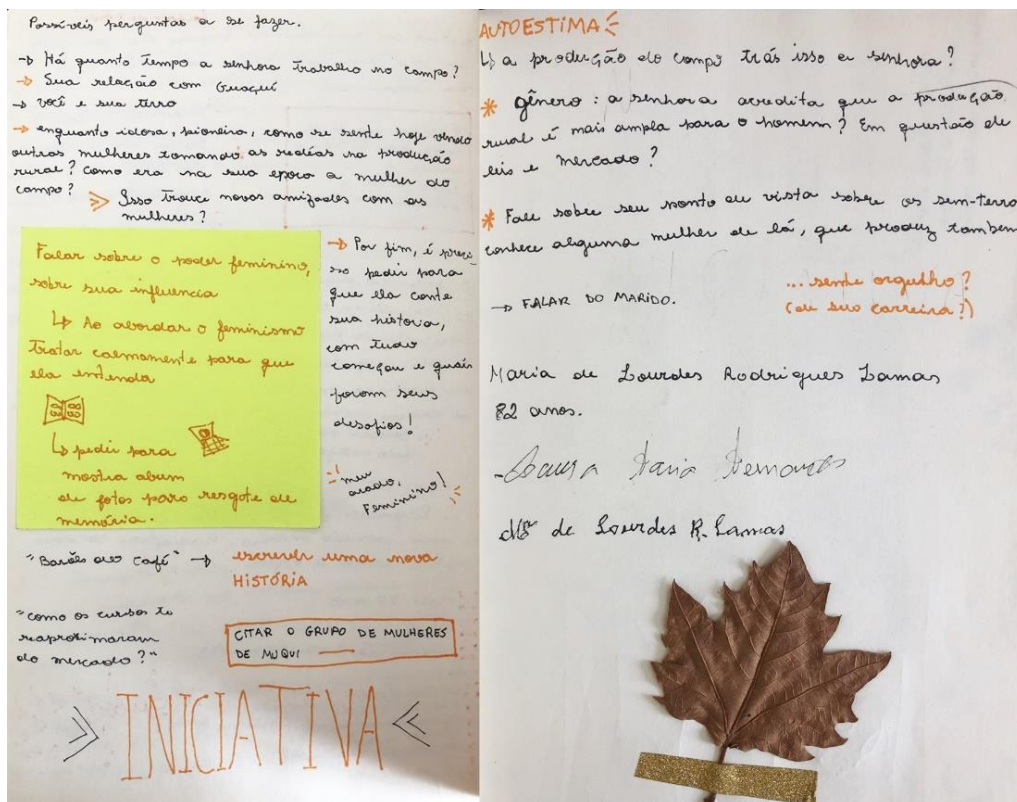


Figura 9: Diário de produção “Meu Arado, Feminino” (2020)

5. PÓS-PRODUÇÃO

Para detalhar melhor o processo técnico e criativo do período de pós-produção optei por dividir em duas partes: Concepção Musical e Montagem.

5.1 – Concepção Sonora e Musical

Entender o cinema como *audiovisual* esclarece a forma como se trata o som no filme. Sendo tão importante quanto as imagens são, eles funcionam como dois lados da mesma moeda. Pensando dessa forma que compreendi que a unidade sonora do “Meu Arado, Feminino” era um passo crucial para dar o tom correto de “documentário-conforto” que planejava desde o começo. Conclui que, tão bela quanto suas imagens e histórias, precisaria ser sua música.

Inicialmente a concepção sonora do filme seria apenas uma mixagem dos sons da natureza captados durante o período de gravação. A proposta de criar algo maior, com trilha musical e sonora veio após conversar com uma das técnicas de som direto, Stella Maria, onde criaríamos uma canção original para ser o tema do filme. Acreditei na ideia e mudei os planos de concepção sonora, expandindo para uma trilha que embalasse todo o documentário.

O estilo escolhido para a trilha foi o baião, mesmo fugindo um pouco das características harmônicas clássicas do gênero, que costuma ser mais simples. O baião remete bem os cenários do interior, além de ser um gênero querido por muitos camponeses, maracatu também entrou na sonoridade da música para equilibrar os estilos e não se tornar uma canção totalmente levada para o lado do sertão. Para trilha sonora em especial decidi manter a base nos sons de ambientação e misturar a arranjos originais, essas foram as músicas motivo² e elas entrariam juntamente com a animação 2D dos mapas nos períodos de transição.

Acredito ser necessário mencionar que uma grande fonte de inspiração que utilizei com minha equipe de trilha foi o som da banda feminina juiz-forana “Tata Chama e as Inflamáveis”, que se utilizam de uma sonoridade intuitiva e sentimental, para compor músicas que remetem o modo de vida simples e a força da mulher. Era exatamente a pegada que eu queria que a trilha tivesse.

A equipe trilha sonora e musical contou com Stella Maria Flor, Ana Paula Tostes e Renato da Lapa para criação de letra, melodia e percussão da canção original, e Alvaro Borges (aluno de graduação de jornalismo na FACOM/UFJF) para as mixagens de músicas motivo. Para a produção sonora contamos com Pedro Baptista e sua gravadora Mixirica Recs. Nosso processo criativo durou três meses, foram reuniões semanais para decidir o estilo, criar versos, analisar melodias e testa-las nos cortes da montagem. Considero a experiência satisfatória visto que basicamente todo o processo foi feito a distância devido ao isolamento social da pandemia global do Covid-19.

Segue abaixo na íntegra a letra da canção original “*Arado Feminino*”

(Composição: Stella Maria Flor)

PALAVRAS CHAVES:

ARADA, BARRO, BRISA, CALOR, CAMPO, CHÃO, CICLO, CIO, COLHEITA, FEMININO, FORÇA, LAR, LAVRADA, LUA, MÃO, MULHER, OCUPAR, PAIXÃO, PÉ, PLANTAÇÃO, PÓ, PRIMAVERA, SEMEAR, SOL, SOLO, SOPRO, TERRA, TESA, VENTO, VERDE

TESA: ADJETIVO FEM DE TESAR. FORTE, QUE NÃO SE DEIXA FACILMENTE INFLUENCIAR PELAS OPINIÕES DOS OUTROS; INFLEXÍVEL; FIRME; DURO

² Em música, um motivo é um fragmento recorrente, perceptível ou saliente, ou uma sucessão de notas que podem ser utilizadas para construir a inteireza ou partes de uma melodia completa e os temas. Definição extraída do Wikipédia

Chão
Poesia
Sol quente
E mangueira

Vento
Terra
Cor verde
E marrom

Tesa
Lavra
Mulher
E aradeira

Sopro
Firme
Cantado
E no tom

Resiste ela
Descalça no chão
O corpo dela
Semeia por obrigação

Aiera reia
Mulher aradeira
Lavra mulher lavradeira
Profundo no chão
Aiera reia
Mulher lavadeira
Lava mulher da ladeira
Teus sonhos na mão

Mãos entrelaçadas
Cada primavera
É um novo tempo
Um novo ciclo

Era lua nova
Era lado a lado
Mãe filha do chão
Neta do sol
Arado feminino

Mãe filha do chão
Neta do sol
Rarureira

5.2 – Montagem

De todos os processos pelos quais *Meu Arado, Feminino* passou, o de montagem foi um dos mais desafiadores. Isso se deu principalmente pela dificuldade de selecionar o que iria para o corte final do documentário. Ao todo, de material bruto captou em média, de três horas e meia e quatro horas de duração para no fim, no formato de trabalho de conclusão de curso, se tornar um curta de 20 minutos em meio.

A primeira etapa de montagem foi assistir o material bruto e cataloga-lo, para assim facilitar no momento de decupagem. Em um segundo momento analisar o roteiro literário feito durante o processo de pré-produção/pesquisa e em cima dele e do material bruto, criar um roteiro oficial para o documentário e assim basear a decupagem e minutagem de vídeos. A duração ideal para o filme foi escalada para ter em torno de 16 minutos, podendo atravessar até os 20 minutos no máximo. A decisão veio principalmente do pensamento de inscrevê-lo em festivais de cinema futuramente.

Também fiz esboços de *storyboards* para clarear algumas sequencias para Ana Romero (a montadora) sobre minhas ideias para deixar a imagem com um teor mais artístico (incluindo colagens e sobreposições). Por fim, ir para o programa de edição e montar o filme até ficar satisfatório com a ideia principal do roteiro.

No processo de montagem algumas ideias relacionadas a estética surgiram após analisar o primeiro corte e sentir que para ambientar a proposta de “documentário-conforto” seria interessante adicionar algumas peças com mais cor e animação na edição. Recorri novamente a Monique Oliveira e juntas criamos frames de abertura para cada sequência, com animação de linhas. A inspiração veio do filme “Eu Posso Ouvir o Oceano” (1993), do Estúdio Ghibli.



Figura 10. “Eu posso ouvir o Oceano” (1993, Studio Ghibli) Fonte: Netflix



Figura 11. Frame de “Meu Arado Feminino” (2020)

6. CONCLUSÃO

Assim como se cultiva uma muda de antúrio, ou como se afaga a terra para receber um pé de morango, foi também o processo de criar este documentário. Sinto que ele foi cultivado com tempo, afagado com os elementos certos para assim brotar da maneira que seria melhor para um todo enquanto obra audiovisual.

Apesar de extenso em seu desenvolver até chegar em seu produto final, penso que foi um processo imenso de aprendizado tanto para mim quanto para a equipe toda. A complexidade de cada etapa que um documentário possui acrescentou muito para entender processo de se filmar um e, sobretudo, dirigi-lo. Foi preciso desconstruir um comportamento e pensamento que achava ser o certo para aprender a me portar como documentarista e este foi um processo que ocorreu durante a produção do filme, acredito que em projetos futuros estarei mais madura e mais profissional para receber funções e executá-las melhor.

No fim, este documentário foi além de apenas uma obra prática realizada para a conclusão do curso de Cinema e Audiovisual. *Meu Arado, Feminino* se tornou uma lembrança física para de como é preciosa cada história e a simplicidade e importância que existem nelas. Enquanto ao restante, entre amigos e companheiros queridos, reservo a gratidão de terem acreditado tanto quanto eu nessa história e terem a elevado tanto, fazer cinema deveria ser sempre assim: um ato de amor coletivo.

7. APENDICES

7.1 – Roteiro Literário

Editado (versão 7)

POR: Marina Polidoro

TÍTULO: Meu Arado, Feminino

GÊNERO: Documentário (curta)

STORYLINE: A pluralidade feminina do campo honra seu elo com a natureza, em quatro histórias entendemos sobre realidades distintas de gênero, classe e raça.

: Reafirmando as diferenças, mulheres camponesas apresentam narrativas que perpassam a pluralidade de vivências femininas. Discursos apaixonados nos mostram a beleza da realidade de cada protagonista e o respeito que têm com a terra, bem como a importância da luta de cada uma.

ARGUMENTO

Entre as mulheres e as raízes históricas da terra, está *Meu Arado, Feminino*. Existem diversas realidades e vivências para cada grupo de mulheres: negras, indígenas, trans, brancas, acadêmicas e por assim em diante. Contudo, não muito comentadas, são as mulheres rurais. É sabido que no ano 2000, fora realizado a Marcha das Margaridas, que reuniu mais de 70 mil mulheres do camponesas, em Brasília. Desde então outras edições foram feitas e novas pautas foram ficando em evidencia, tais como a divisão sexual do trabalho em localidades da zona rural e seu patriarcado enraizado em definições políticas com base na discrepância social de classe entre as próprias mulheres camponesas.

Feminismos são plurais, isso decorre ao fato do não apagamento de mulheres que estão fora do eixo padrão da categoria do feminino, ou seja, todas aquelas que não estão no escopo de mulheres brancas, burguesas e cisgenero. Reconhecer os muitos feminismos é o primeiro passo para compreender melhor a potência que se pode encontrar em mais de uma luta ligada às mulheres. No campo suas reivindicações são distintas em muitos aspectos, principalmente quando muitas ainda lidam com recortes de classe e raça.

A abordagem do documentário parte de entrevistas com as produtoras rurais em suas casas ou plantações, todas situadas na cidade de Guaçuí (Espírito Santo), essas entrevistas vão buscar instigar a partir de perguntas base essas mulheres a falarem livremente sobre seu trabalho. Essa abordagem busca alcançar a visão própria de cada produtora dentro do prisma rural do que é ser mulher e como elas trabalham essa identidade dentro de seus desafios no trabalho.

Incluso nessa proposta, o filme traz apontamentos sobre não apenas gênero, mas classe e raça também. No campo existe um largo círculo de diversidade, desde donos de grandes propriedades até comunidades sem-terra, passando por proprietários médios e pequenos, e trabalhadores subordinados. A escolha de se filmar em Guaçuí vem de uma ligação afetiva que tenho com o lugar desde sua infância. Como proposta, o documentário estabelece o feminino como pauta principal, mas busca evidenciar as diferenças de classe e trabalho que ali existem. Dessa forma o filme se divide em 4 protagonistas que representam realidades importantes no meio: A Anciã, as Assentadas do MST, As Quilombolas e a Produtora Orgânica.

Encaro esse documentário como um tipo de ensaio criativo e o coloco como uma obra que eu possa transitar não apenas na execução de um projeto científico e acadêmico, mas também fazer dele o ato de se fazer cinema. Essa mescla que atuará no filme parte do desejo de equilibrar ambas as ideias em um resultado final único visto que enquanto aluna de Cinema e Audiovisual me sinto na obrigação de contemplar as duas áreas que se fazem presentes em meu curso de graduação: a prática e sua teoria.

MEU ARADO, FEMININO

Abertura do filme começa com imagens de cobertura feitas durante momentos de respiro das filmagens. Planos abertos de copas de árvores vistas de cima, terrenos secos e jardins com flores. O título do documentário entra nessa sequência com lettering animado, bem como, logo a baixo na margem à esquerda os créditos das principais funções (direção, fotografia e som)

Parte 1 – A anciã

Idealmente a sequência deve ter falas que estruturam a sua figura enquanto mulher pioneira na produção rural na região, como se deu ou como ela se sente anos após ter se

consolidado. Além de depoimentos em relação a plantação de flores e desejos futuros. Por ela ser idosa, é interessante criar uma ambientação que valorize sua independência e força ainda nessa fase, que comumente já é encarada, para mulheres, como um momento de afastamento do mercado de trabalho.

Sobre questões técnicas e estilísticas, a entrevista deve conter duas câmeras para dar dinamismo a fala, capturas em super-close de detalhes do seu corpo (como mãos enrugadas, pescoço e partes do rosto como sorriso e olhos), planos sequencia que ocorram preferencialmente em cenas externas como em sua estufa de copos de leite ou antúrios. Dessa forma, na montagem, a sequencia fica mais rica.

Por fim, fazer “imagem-retrato” em zoom-out dela para juntar com as outras personagens no fim do filme.

Animação 2D de Mapeamento

P a r t e 2 – Assentadas do MST

As personagens dessa parte 2 são Nelci e Margareth, membros de um grupo feminino do Assentamento Florestan Fernandes. Como membros do MST, seria interessante trazer para debate suas visões sobre ocupar e resistir enquanto mulheres, mas também sobre suas realidades sociais.

Para o documentário elas representam o recorte de classe, por conta disso o discurso deve ser levado para um lado mais político, evidenciando sua posturas enquanto representantes de um movimento maior.

Referente a parte estética e técnica, a regra segue basicamente a mesma da sequencia anterior: duas câmeras, plano sequencia de externas (com falas de preferência) e imagens de cobertura do assentamento e dos produtos que elas fabricam.

Ao final, registrar um uma “imagem-retrato” em zoom out das juntas para juntar com as outras personagens no final do filme

Animação 2D de Mapeamento

P a r t e 3 – As quilombolas

O Quilombo Córrego do Sossego tem uma líder feminina, seu nome é Helena do Sossego. Ela também é líder do grupo de mulheres quilombolas de lá, elas produzem salgados e melado de cano para venda em feiras.

Nesse caso, Helena e suas companheiras representam não apenas o recorte de classe, mas também o de raça. Enquanto mulheres negras suas falas tem potencialidade para evidenciar o ponto de diferença em relação ao empoderamento feminino e sua luta por direitos, uma vez que sua realidade é duplamente diferente. Discursos sobre liderança, racismo e coletividade podem ser abordados, além do elo com a terra e suas espiritualidades.

Em questão estilística, o filme segue com suas demandas com o plano sequencia externo, imagens de cobertura do quilombo e plano detalhes de Helena e suas companheiras.

Animação 2D de Mapeamento.

P a r t e 4 – A Produtora Orgânica

Para fechar o documentário a personagem social perfeita é Isabel. Produtora orgânica certificada, mão solo e feirante. Essa parte do Meu Arado, Feminino é a que mais que se conecta com a relação poética entre o feminino seu elo de honra com a terra. Isabel ara seu solo com e gratidão, seu discurso pode ser poderoso.

Intercalando entre sua história enquanto mulher e mãe solo para conseguir base financeira a partir de produção rural orgânica com sua visão de respeito com o ambiente que a cerca, o filme fechará com uma questão de amor.

Para a estética da fotografia, muitos planos externos para captar a beleza dos orgânicos, duas câmeras na entrevista mais formal para dinamismo e planos detalhes da casa e da natureza que envolve

F I N A L I Z A Ç Ã O

Uma sequência de imagens -retrato em zoom-out de todas as personagens sociais do filme. Começando com Isabel, passando por Nelci e Margareth, para Dona Laura e fechando com Helena do Sossego.

Nesta sequência, a música tema (uma canção original para a trilha) começa a tocar e vai se estender até os créditos (que incluem: todas as funções e seus responsáveis, os nomes das personagens, os possíveis patrocinadores e lista de agradecimentos)

7.2 – Roteiro para montagem

	Vídeo	Minutagem	Comentário
Abertura	MVI_9818	00:00:03 – 00:00:10	Copas de árvores com <i>flare</i> do sol intenso.
	MVI_9814	00:00:04 – 00:00:18	Céu azul, com folhas de árvores nas bordas da tela.
	MVI_9823	00:00:10 – 00:00:20	Em PP flores de antúrios e ao fundo um terreno arado. Inserir: (Título) MEU ARADO, FEMININO.
Parte 1 – Dona Laura			
	MVI_0112	00:00:03 - 00:00:10 00:02:00 – 00:02:06	Para abrir a sequência dela: Entrando na estufa e mostrando suas mudas de antúrios. Inserir: Colagem de animação e nome Dona Laura das Flores

	MVI_0312 MVI_5956	00:04:03 – 00:05:20 00:04:00 – 00:05:17	Ela fala sobre nunca se sentir menor em relação aos seus colegas de produção, principalmente os homens e também comenta sobre se sentir completa apenas quando está produzindo.
	MVI_0124	00:10:40 – 00:11:30	Dona Laura, mostrando uma flor diferente em um contra plongée com o sol.
	MVI_0309 MVI_5954 MVI_5963 (imagem de cobertura) MVI_5958 (imagem de cobertura)	00:05:25 – 00:08:36 00:06:30 – 00:09:47	Fala um pouco do seu passado e conta como tem ligações boas com várias outras produtoras hoje, diz como tudo começou com ela e sobre visitas que tem
	MVI_5060 ou MVI_4059 BA4A0815 (imagens de cobertura)	00:10:30 – 00:12:05 00:04:50 – 00:07:00	Comentário semelhantes sobre sua vontade de nunca parar de produzir, sobre o prazer do que faz e sobre sua idade.
ANIMAÇÃO 2D	-	Duração 10 segundos	Sai da casa das flores da Dona Laura e nos leva até o MST
Parte 2: Assentamento Florestan Fernandes	BA4A0687	00:05:04 – 00:05:15	Abertura da sequência, elas caminhando. Inserir: Colagem de animação e o título: <i>Nelci e Margareth do MST</i>
	BA4A0687	00:10:08 – 00:12:40	Nelci apresenta uma fotografia de Sebastião Salgado e discorre sobre a Reforma Agrária.

			Inserir: Colagem com fotografia ampliada
	BA4A0675 MVI_6013 (imagem de cobertura)	00:08:56 – 00:09:48	Margareth se apresenta e conta como o MST a ajudou em sua autoestima e sua consciência de classe
	BA4A0676 BA4A0728 e BA4A0719 (imagens de cobertura)	00:03:06 – 00:03:45	Nelci completa em um vídeo sobre a conscientização política e conhecimento pessoal.
	BA4A0675 BA4A0686 e MVI_6013 (imagens de cobertura)	00:04:10 – 00:05:26	Elas comentam sobre a qualidade das geleias que são feitas no grupo de mulheres do MST
	BA4A0684 BA4A0687 (imagem de cobertura)	00:09:00 – 00:09:40	Na cozinha industrial, Nelci tem um monólogo em que exalta suas companheiras de luta e trabalho.
	MVI_6014 BA4A0676	00:02:31 – 00:03:23	Bom para finalizar a sequência. “A gente não pode parar não, é nossa vida”
ANIMAÇÃO 2D	-	Duração 10 segundos	A animação do mapa vai do MST ao Quilombo do sossego
Parte 3: Quilombo Córrego do Sossego	BA4A0676	00:11:01 – 00:11:13	Abertura da sequência, Helena caminhando no terreno. Inserir: Colagem de animação e título: Helena do Quilombo Córrego do Sossego

	BA4A0615 BA4A0635 (imagem de cobertura)	00:05:02 – 00:05:55	Helena começa resumindo sua história de vida.
	BA4A0616 e BA4A0617 BA4A0629/ BA4A0631/ BA4A0646/ (imagens de cobertura)	00:06:04 – 00:07:07 00:08:17 – 00:10:55 00:03:43 – 00:04:10	Orgulho da terra e força de vontade, além das conquistas. Ela fala sobre o trabalho com a família e suas produções alimentares
	BA4A0631	00:08:08 – 00:08:43	Importante momento em que Helena mostra uma fotografia de seus ancestrais e conta sobre a reconquista do povo negro quilombola numa terra que no passado fora roubada.
ANIMAÇÃO 2D	-	Duração 10 segundos	Mapa vai do Quilombo para o sítio orgânico Morambel.
Parte 4: Isabel / produção orgânica	BA4A0774	00:10:32 – 00:10:45	Para a abrir a sequência. Isabel comentando da beleza das alfaces Inserir: animação de colagem e título: Isabel dos orgânicos
	BA4A0773 MVI_6041 MVI_6042 (imagens de cobertura)	00:09:44 – 00:10:55	Isabel fala sobre o imediatismo e sobre paciência com a terra e amor ao cultivo
	MVI_6028	00:03:00 – 00:03:56	Abordagem interessante para

	MVI_6033 (Imagem de cobertura)		diferenças de gênero no campo e suas importâncias
	BA4A0773	00:06:02 – 00:07:30	Mostra a qualidade dos alimentos orgânicos.
	MVI_6032 MVI_6038 MVI_6044	-	Imagens muito boas de cobertura. Adicionar nos respiros acima de corte
	BA4A0766	00:03:21 – 00:04:14	“Afagar os desejos da terra” A mulher e sua ligação mística com a terra. Boa pra finalizar a sequência. (e o filme)
CENA FINAL	BA4A0814 BA4A0777 BA4A0692 BA4A0644	Total de duração 35 segundos	Sequencia em zoom out. Video-retrato Ordem: Laura, Isabel, Nelci e Margareth, e Helena.
CREDITOS	Fotos still e animação de lettering	Duração de 1:30	Com a canção original ARADO FEMININO tocando no fundo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGADO, Maria. A Nova Geração Política – Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2018.

COUTINHO, Eduardo. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. PUCSP, v.15, Ética e História oral p. 165-191. Jul./Dez, 1997

GUZMÁN, Patrício. **Filmar o que não se vê: Um modo de fazer documentários**. 1 ed. São Paulo, SP: Edições Sesc, 2017

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 8. ed. Tradução de: Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2019.

LEVIN, Tatiana. **A “cinescrita” de agnès varda: a subjetividade incorporada ao campo do documentário**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, BA. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1149>>. Acesso em: Julho de 2020

SOARES, Sergio Jose Puccini. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção**. 2007. 250p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285156>>. Acesso em: Jan de 2019

REFERENCIAS FILMICAS

Je Rayon Vert. (O Raio Verde) Dir. Éric Rohmer, França: 1986

Omoide Poro Poro (Memórias de Ontem). Dir. Isao Takahata, Japão: 1993

Umi ga Kikoeru (Eu Posso Ouvir o Oceano). Dir. Tomomi Mochizuki, Japão: 1991